

## MEMÓRIAS APRISIONADAS

'ESCOLA DO CRIME'

## Violência nas celas é reflexo social

Fragilidade na ressocialização dos presos revela situação quase sem controle na reincidência

LÊDA GONÇALVES  
Repórter

O cenário é de caos. Mesmo desativado desde o ano passado, o Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS) ainda provoca medo. Suas paredes estão impregnadas de energia negativa, pertencentes de presos espalhados pelos corredores, celas vazias, mas que ainda guardam lembranças — a maioria marca a tragédia humana vivenciada em 43 anos de existência. Rastros de sangue, violência, dor e sonhos daqueles que, em muitas fugas, tentaram a liberdade a todo custo.

O mais antigo presídio do Ceará, quando inaugurado em 1970, era modelo para o sistema penitenciário brasileiro. Foi desativado também como referência no País como retrato da superlotação, desrespeito aos direitos humanos e condições aviltadas para encarcerados, suas famílias e agentes prisionais. “A prisão no Brasil é geradora de violência. Sendo que a violência ali instalada e a enfrentada fora dela são elos da mesma sociedade, e nós não podemos jamais esquecer disso”, alerta o sociólogo José Pedro Oliveira Júnior.

Análise é compartilhada pela também socióloga e pesquisadora do Laboratório do Estudo da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará (UFC), Jânia Perla Diógenes. Ela ainda destaca a fragilidade das políticas de ressocialização dos presos, tornando os presídios e cadeias públicas superlotadas como verdadeiras “escolas do crime”. “Todos misturados, os que cometeram delitos leves dos homicidas, sequestradores, assaltantes de bancos. Não existe quase a palavra recuperação”, frisa.

Não é à toa, argumenta, que um dos grandes desafios do sistema penitenciário é impedir o uso de celulares dentro das prisões. “De lá, muitos continuam a comandar crimes”. Por isso, ressalta, é necessário manter a memória para aprender com nossos erros. “Não podemos apenas exigir punição aos que cometem crimes, colocando-os e esquecendo-os dentro das prisões, por mais que elas contem com tecnologias das mais modernas”, aponta a pesquisadora.

## Acervo

Em setembro de 2000, os presos do IPPS se rebelaram após um acerto de contas entre as facções, destruíram parcialmente o presídio, com o resultado de um morto e 11 feridos. Todo acervo de documentos, fotos e registros dos detentos foi perdido. Fatos daquela época somente na memória dos ali cumpriram penas ou de quem trabalharam no velho presídio.

Caso do ex-agente penitenciário, Antônio Tabosa, de 68 anos, 42 dos quais dentro do IPPS. Ele percorreu, junto com a equipe de reportagem do *Diário do Nordeste*, as dependências da penitenciária. Para todos, a mesma sensação de claustrofobia, arrepio e o questionamento de como tantos seres humanos conseguiram sobreviver a um cenário de guerra física e psicológica, inclusive, reincidindo nos crimes.

“Quando cheguei, em 1972, tudo era diferente, a sociedade era diferente. Os presos eram mais respeitosos, cumprindo penas por crimes violentos sim, no entanto, sem tanta crueldade como vimos agora. Nesse tempo que passei aqui, tudo mudou para pior. O medo e a tensão eram constantes para todos”, lembra Antônio.



→ **Roupas, livros e muita sujeira podem ser vistos no que sobrou dos presos**  
FOTO: JOSÉ LEOMAR



Mainha, o mais conhecido pistoleiro nordestino ficou preso no IPPS; ao lado, um dos túneis cavados pelos detentos, em 2007. Este chegou a sete metros do muro



Outro que também comenta os últimos anos do IPPS é o agente de manutenção Roberto Diniz. Em muitos pontos foi ele, a marretadas, que quebrou cadeados para a passagem da equipe. Um desses locais foi a chamada Selva de Pedra, que tem esse nome devido à construção do espaço todo em pedras. Ele lembra que, para entrar nas celas, era preciso “autorização” dos próprios presos, no caso, os “chefões”. “Eu pedia ajuda de uma escolta para ir próximo e gritar: ‘você me chamaram para desentupir o vaso’”, conta.

Antônio Tabosa também lembra que o primeiro preso do IPPS, o Paraíba, conseguiu regime semiaberto, poucos anos após ser transferido para lá, vindo da antiga Cadeia Pública. No entanto, diz, ele acabou sendo atropelado na rodovia bem em frente à penitenciária. “Enquanto o último a sair daqui, o Militão, continua botando boneco no presídio em Pacatuba. Um criminoso perigosíssimo e que a gente tinha receio enquanto ele ficou aqui no IPPS”, avalia, defendendo um olhar mais justo para os agentes prisionais. “Se antes era difícil, perigoso, agora, se tornou um verdadeiro desafio atuar na profissão”, comenta.

## Marcas

Ao caminhar pelos corredores, lotados de roupas, livros e muita sujeira, é possível notar as marcas de balas nas portas de ferros e nas paredes. Muitas vezes, recorda, na tentativa de fuga, eles subiam nos ombros uns dos outros para alcançar o topo do muro do pátio da Selva de Pedra. “Uns chegaram a arrancar a cerca de arame. Teve um que morreu tentando escalar o muro, sem falar dos inúmeros túneis que escavaram nesse tempo”.

## HISTÓRIA

43

anos de existência tinha o IPPS, entre a inauguração do presídio mais antigo do Ceará e a sua desativação, em agosto do ano passado, pela Sejus

Pelo IPPS passaram os bandidos mais perigosos do Estado, além de presos políticos, na década de 70, e onde aconteceram as rebeliões históricas no Ceará. A mais lembrada foi o motim que fez de refém o cardeal Dom Aloísio Lorscheider e outras dez pessoas em 1994. Dentro suas muralhas, mais de 100 presos morreram, vítimas de brigas entre as diversas gangues que disputavam o poder entre as grades, de rebeliões, fugas, tentativas de fugas e motins, levando também consigo inúmeros assassinatos praticados por eles enquanto estavam fora do cárcere.

Nomes como do pistoleiro Mainha, de assassinos como o português Luís Militão, de orquestrador do sequestro de Dom Aloísio, Carioca e daquele que comandou o furto do Banco Central, Alemão, colocaram o nome do Estado do Ceará na mídia internacional.

Na visão da pesquisadora e coordenadora do Laboratório de Antropologia e Imagem da Universidade Federal do Ceará (UFC), Peregrina Campelo, esses bandidos são figuras emblemáticas do mundo do crime.

Para ela, o grupo conseguiu alçar Fortaleza como destaque mundial de forma estigmatizadora. “O maior problema da violência do Ceará está ligada a microfísica cotidiana igual ao do povo brasileiro formada pela secular desigualdade social”.

## OPINIÃO DO ESPECIALISTA

## Para não ficar no esquecimento



EUSTÁQUIO ALVARENGA JÚNIOR  
Professor e historiador

O Instituto Prisional Paulo Sarasate (IPPS) está prestes a ser implodido. Desativado desde 2013, foi inaugurado em 1970. Já abri-

gou notórios infratores da lei: o famigerado pistoleiro “Mainha” (espécie de figura emblemática dessa funesta atividade), que chegou até mesmo a estampar capas de revistas; o sequestrador conhecido como “Carioca”, cabeça da ação de sequestro que envolveu dom Aloísio Lorscheider; o inventivo “Alemão”, que arquitetou o já lendário assalto ao Banco Central de Fortaleza e, por fim, o frio Luís Militão, perverso lusitano que premeditou o assassinato de seis conterrâneos. Além desses criminosos típicos, a prisão também abrigou outros detentos que ali estiveram por

circunstâncias distintas: os presos políticos do contexto da Ditadura Militar. Desse modo, percebe-se que por esse espaço carregado de significados negativos, transitaram figuras que remetem a determinados contextos e épocas. Lugar carregado de simbolismos, o espaço prisional evoluiu ao longo do tempo, sempre carregando a função de purgatório social, onde os infratores da norma pagam por seus delitos. Passar por essa experiência também acaba por imprimir marcas de significação e identidade. Se criminoso comum: pária. Se preso político: herói idealista. Enfim, nada nem ninguém escapa ao fato de tocar a realidade prisional. Qual destino seria o ideal para essa antiga instituição? Numa cidade sem memória, que não hesita nem um pouco em apagar o pouco que nos resta de um passado remoto, não seria interessante pensar sobre essas questões? Afinal, o Campo de Extermínio de Auschwitz não está

de pé por trazer lembranças ternas da Segunda Guerra Mundial: está lá para que todos lembrem dos horrores que a nossa espécie é capaz de perpetrar. Talvez o melhor destino do antigo IPPS fosse o de ser transformado em Museu Prisional. Um lugar onde os registros daqueles que por lá passaram pudesse ficar preservado, bem como os fatos relevantes protagonizados por eles. Revisar essas biografias é também repassar a nossa História.

Fazê-lo não significa glorificar aqueles que estiveram à margem da sociedade, mas estabelecer parâmetros e preservar fontes para o entendimento de nós mesmos. Ou talvez devesse ser metamorfoseado numa Escola Profissionalizante, onde os descendentes desses infratores pudessem ter oportunidades de crescimento pessoal e laboral. O que não podemos é continuar sem entender e encarar nosso passado. Assim nunca iremos amadurecer.